

# A PESQUISA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA E DA CRISE DA MODERNIDADE

Profa. Leda Miranda Hülne<sup>1</sup>

Gostaria de agradecer à Reitoria, ao Reitor, ao Vice-Reitor e as Coordenadoras esta oportunidade de poder falar aqui a respeito de um tema que eu considere bastante instigante, achei um tema complexo, provocador porque falar da pesquisa no contexto da globalização da economia e da crise da modernidade, me fez sentir sem condições de poder levar sozinha tal interpretação, porque entendo que é um tema que exige uma leitura interdisciplinar. Queira pensar ou não quando paramos diante da pesquisa estamos diante de problemas metodológicos, epistemológicos, lógicos e do problema fundamental, exatamente, do que pesquisar e de todas as questões ligadas à investigação.

A questão do contexto da globalidade econômica e da crise da modernidade, logo nos leva a relação entre ciência e economia, entre ciência, tecnologia e às condições da nossa realidade social, assim, eu fiz interrogações a respeito do que eu poderia falar sobre o tema da cultura hodierna e conseqüentemente do problema das ciências, principalmente das ciências humanas.

Deste modo estamos diante de um tema complexo, e eu não sei se o grupo de pesquisa da PUCCAMP já fez algum projeto interdisciplinar exatamente para focalizar essa relação entre pesquisa, economia e cultura tecnológica. Se não, fica de início, uma proposta de um futuro trabalho interdisciplinar onde isso possa ser exaustivamente visto; mas de qualquer maneira, a minha primeira leitura do assunto a ser tratado se deparou com a procura de um fio condutor capaz de interrelacionar ciência, economia e cultura, hoje.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade de Santa Úrsula, RJ,

O tema amplo nos leva a querer realmente pensar no que está acontecendo com a ciência : qual é o seu lugar ? qual é o espaço da pesquisa? para onde a pesquisa está conduzindo a humanidade? para que fazer pesquisa? qual é a necessidade da pesquisa? Afinal a questão da necessidade da pesquisa é uma constante na história, todavia nunca o homem teve ao seu alcance tantos meios para pesquisar, tantas coisas para pesquisar, tantos meios de aprofundamento, o que nós podemos perceber é que a necessidade da pesquisa ninguém discute.

O problema é a pergunta: pesquisar o que? E mais, pesquisar para que? pesquisar por que? pesquisar para chegar aonde?

Eu fiquei pensando em Aristóteles, “imagine Aristóteles hoje”. Ele fazia suas pesquisas de Biologia , muitas vezes, procurando material na beira da praia; a História nos diz que seu amigo, Alexandre da Macedônia, quando ia para terras distantes, mandava exemplares da fauna e da flora para Aristóteles pesquisar, classificar, ordenar. Nós podemos imaginar o que faria hoje uma cabeça feito Aristóteles, um gênio feito Aristóteles, se tivesse à sua disposição toda a informática, todos os meios que estão diante de nós; um microcomputador, uma Internet na sua frente, o que não poderia produzir? Pensei também num Hegel, que fez um trabalho exaustivo de enciclopedista, no sentido de buscar todos os dados possíveis de pesquisa, em termos de natureza, cultura humana, origens de todas as histórias, das religiões, das artes, e tantas manifestações da Razão Absoluta.

Acontece que Aristóteles tinha as suas certezas, Hegel tinha as suas verdades. O mundo para Aristóteles era um mundo ordenado, fundamentado; tinha sentido; a inteligência humana era capaz de apreender a inteligibilidade das coisas; o homem com o seu raciocínio poderia conhecer a realidade, bastava desenvolver um instrumento como a lógica, saber o funcionamento deste instrumento para poder chegar a uma ciência universal, chegar à totalidade do saber.

Se nós pensarmos em Hegel, do mesmo modo, nós vamos ver que para ele era indiscutível a Razão como princípio absoluto, e a História nada mais era que a própria marcha dialética da razão, era a razão no seu

processo de contradições, numa busca contínua de auto-conhecimento e a História tinha fim, era possível a Razão chegar a uma autoconsciência.

Então podemos compreender que um Aristóteles, um Hegel, podiam pesquisar com uma certa garantia de que estavam conhecendo a verdade, estavam produzindo alguma coisa significativa para o saber e para a humanidade.

Agora diante deste mundo, diante desta realidade, que aparece cada vez mais como imagem, desta realidade que se mostra cada vez mais como instante, desta realidade onde a todo momento nós questionamos, o que é verdade, afinal, qual a garantia de verdade? O que buscou Descartes com seu cogito? O pensador com seu “penso, logo sou”, acreditava de fato que o homem poderia chegar a uma representação global da realidade. E a realidade enquanto extensão e movimento poderia ser de fato medida, calculada. E que realidade, nós estamos vendo? Cada vez mais se organizando como técnico-cosmos que existe em si e por si; todavia Descartes nunca duvidou de um Deus como garantia última da verdade e da existencialidade.

O que é esse técnico-cosmos? O que é isto que está aparecendo para nós? Uma realidade feita à luz da técnico-ciência. É o mundo construído e compreendido pela razão científica. Esse técnico-cosmos mostra a profunda inter-relação entre economia, ciência e tecnologia e cada vez mais a realidade se afirma como realidade racional, realidade fabricada, planejada, ordenada pela razão. Confirma aquela famosa frase de Hegel “o real é racional e o racional é real”; pois o que se manifesta de um modo global é a tendência para estabelecer uma realidade ordenada, onde tudo se racionaliza, a cidade, a universidade, o banco, o mercado, o trânsito, graças à planificação, à industrialização, a presença de aparelhos que fazem o homem depender de um mundo aparentemente mágico, onde você acende o interruptor, aperta um botão e aparece um mundo funcional e eficaz. Só que ao mesmo tempo, se não houver condições de funcionamento, como a falta de eletricidade, tudo pára e ficamos de braços cruzados. É um novo mundo, cheio de paradoxos, e que nós, de certa maneira, estamos construindo.

O que acontece com esse novo mundo? É um mundo racional graças aos poderes da ciência, regido por uma ideologia de exaltação à tecnologia e a economia, mas ao mesmo tempo revela um homem desorientado. Tal a história do aprendiz de feiticeiro que se comporta de modo irracional, pois não sabe como fazer parar de transbordar a água do balde; como autômato o homem atual parece não saber parar o funcionamento daquilo que produz. Atuando por atuar, caminha o homem de hoje, sem saber para onde ir e o que vai acontecer. Aparentemente despreocupado.

Nós podemos perguntar: o que está dando origem a esse técno-cosmos? o que começou a fazer com que a automação seja uma presença principalmente nos primeiros mundos? o que deu origem para que os outros países do mundo inteiro se sentissem atraídos para acompanhar o primeiro mundo, e ainda chegar a esse nível de funcionalidade, de operacionalização e de saber? .

É um fato recente que marca as mudanças nas relações entre Economia, Ciência e Tecnologia- a crise de petróleo, a partir dos anos setenta. A crise exigiu uma transformação na organização das próprias empresas e da própria sociedade. A partir de setenta a economia começou a investir e a se utilizar de todos os benefícios da tecnologia e consequentemente da tecno-ciência. Aí começa a nova fase do capitalismo apoiado no tecnicismo, que procura acelerar o processo de globalização econômica, financeira e tecnológica através de uma ideologia. Um discurso convincente que fala do valor e da harmonia das três instâncias, enfatizando todavia o poder mercadocêntrico.

Nessa nova fase do capitalismo, não mais sujeito ao Estado, não mais sujeito à fronteiras, mais livre de determinações, se estabelece uma mudança nas relações governamentais, sociais e pessoais. Talvez seja uma caricatura falar em termos vagos deste assunto já que é uma palestra, mas o importante é salientar que foi nessa época que se deu uma virada em relação à produção em série, tipo Ford. Assim, devido à Informática, à Robótica, a globalização econômica, a globalização tecnológica, a globalização científica acontece em alcance mundial, marcando uma nova

maneira de ser do sistema financeiro. Não se impõe mais o capitalismo selvagem que estabelecia lutas entre o capital e o trabalho. Hoje, o conflito não é mais um problema de luta de classes, mas a luta entre os que detêm a Economia, a Tecnologia, a Ciência e os que não detêm. E os países que detêm essas tecnologias, a tecno-ciência, eles realmente podem controlar, podem dominar, podem levar adiante seus próprios princípios ideológicos em nome do bem estar e do progresso da humanidade.

Esse momento da história, que eu chamaria da história da ideologia, que compactua com essa nova fase do capitalismo, se chama neoliberalismo. Um discurso que apresenta um conjunto de regras práticas, de linhas para ação. Ninguém pode dizer que o neoliberalismo é um projeto de sociedade totalitária ou homogênea, nem que está ligado a um determinado país, não podemos falar que o Japão é ou que os Estados Unidos são, ou que o Brasil deseja ser. O problema todo que me parece sedutor e por outro lado muito instigante, é que o neoliberalismo passa um discurso que coloniza, de certo modo, o imaginário social. Ele faz com que toda a sociedade queira participar de todos os benefícios que a tecno-ciência, junto à economia, está oferecendo.

É uma ideologia eminentemente hedonista, gratificante, não comprometida, não tem ninguém que esteja como cabeça liderando, se impõe apenas como um modo de apresentar uma sociedade planejada, ordenada, racional. Afinal de contas, seus teóricos alegam que estão procurando levar até as últimas conseqüências o projeto da própria modernidade. Se nós pensarmos, em termos de história, qual o projeto da modernidade? Não há dúvida que este projeto está dentro daquele clima de uma razão forte, presença poderosa. Enfim, fundado na demonstração: o homem é um animal racional e pode através do método científico controlar a natureza e organizar a própria sociedade.

Todavia esse projeto da modernidade não é o projeto do modernismo na década de vinte. Houve um hiato, retomado nestas últimas décadas. Tudo indica que o projeto atual começa com a revolução científica, com a revolução rudimentar industrial, lá nos primórdios do século XVII, onde se dá realmente o surgimento do capitalismo, um

sistema econômico que tem por fundamentos o liberalismo. Nós sabemos que foi Locke que apresentou os valores do liberalismo, em termos da propriedade privada, livre empresa, livre negociação, regida pela lei do mercado, mostrando a liberdade como um *laissez-faire*, acreditando na chance de cada um fazer seu próprio negócio.

O projeto da modernidade, que finca os valores do capitalismo, começa no clima de exaltação à razão científica onde um Galileu, onde um Descartes, plantam as raízes estabelecendo as pilastras da razão científica. Se de um lado um Galileu vai mostrar que não há ciência sem experimentação e sem matematização e se por outro lado um Descartes vai demonstrar que não há ciência sem uma correlação entre o sujeito que conhece e o objeto enquanto ele é representado e trabalhado pela racionalidade, o que isto significa? Exatamente que a realidade pode ser calculada, medida, pode se submeter a todos os aparelhos que possam arrancar as suas energias.

Nós podemos ver que nessa base de Galileu, com o método experimental, de caráter matemático e Descartes com essa correlação entre sujeito e objeto, onde a natureza não é mais parceira, se tem a base do mundo tecno-científico. Nele, a natureza é apenas objeto de estudo, de experiência, fonte de energia, diferente da época dos pré-socráticos, nas primeiras investigações, que faziam da natureza a companheira, faziam da natureza aquele elemento integrador e construtivo do próprio conhecimento. A partir da modernidade, nós percebemos que a natureza passou a ser vista como um conjunto de coisas, de objetos, que estão fora de nós e podem ser representados e controlados pela própria razão científica.

Assim, desde a revolução científica - que nos deu toda a possibilidade da ciência se desenvolver com seus procedimentos metodológicos - é impossível, sem eles, fazer ciência, no sentido das ciências físicas e naturais, principalmente. A ciência progride na sua marcha histórica ao entrar no período do Iluminismo, período das luzes, da razão, período em que o homem começa a acreditar com força que é possível através da razão científica equacionar liberdade e progresso.

Então podemos registrar que essa relação razão-liberdade-progresso foi a grande mola da própria Revolução Francesa, crença de que haveria possibilidade do homem ser livre, possibilidades de igualdade e de fraternidade.

A ciência não nasceu neutra, desvinculada desta relação humana. Era o grande projeto que de certa forma, se mantém, embora um pouco diferente no século XIX, século cientificista, onde começa a aparecer uma pluralidade de interpretações e posições diante da razão. Já não há mais uma linha tão unilateral de trabalho, de estudo, de construção do saber; mas nesse período do cientificismo há um dado muito significativo: a constituição das Ciências Humanas a partir do modelo das Ciências Físicas e a própria Filosofia, com o Positivismo, seguiu esse caminho.

Hoje esses paradigmas de Filosofia e de Ciências Humanas encontram-se em crise, por não conseguirem, até as últimas conseqüências, matematizar e experimentar o homem. Assim, o ensino, a pesquisa ainda não refletiram nos fundamentos desta questão e tratam as chamadas ciências humanas como ciências em moldes rígidos e quase colocam o homem dentro de uma camisa de força.

O século XIX foi esse período do cientificismo, de exaltação à ciência experimental, Não escapou nem mesmo Marx, não escapou nem mesmo Freud. Na psicanálise, nos primeiros momentos de estudo, Freud quis interpretar o homem e seu mundo inconsciente à luz das ciências naturais. Do mesmo modo, Marx, construiu o materialismo histórico e dialético, de alguma forma comprometido com um tipo de evolucionismo. O que vai mostrar que a ciência era poderosa e que o homem ainda acreditava na razão forte. Mas podemos perceber também no século XIX, já dois toques de alerta dos "profetas da modernidade". Um é Nietzsche outro é Kierkegaard. Este se rebela contra o Hegelianismo, principalmente no campo religioso, cujas interpretações invadem a Teologia e nas suas críticas mostra que o homem não pode ser visto como ser que está decifrando o mistério da existencialidade à luz da razão. O homem é aquele que está diante do que ele não sabe, e somente a fé pode dar força para o

viver. Que homem é esse que pode se sentir tão forte que pode resolver, através da sua capacidade racional, o que ele é? Por que não a crença?

Kierkegaard critica esse endeusamento da racionalidade e mostra nas suas obras o sentido da religião, do amor, da fé, temas menosprezados pelos discípulos da razão forte.

Se de um lado, um não religioso critica o império da razão, por outro lado, um ateu como Nietzsche, vai colocar em debate a relação entre ciência, racionalidade e vontade de poder. Nas suas sérias investidas a respeito do encaminhamento da ciência e da razão na história da civilização ocidental, denuncia a razão científica como uma vontade de saber, de dominar, de controlar a natureza, de controlar o homem, mais do que propriamente dito um instrumento para chegar à verdade. Que verdade?

Nietzsche vai colocar a questão da verdade; por que a verdade? Onde está a verdade? Unicamente na ciência? Será que a verdade não está na tragédia grega, naquela correlação de forças dionisiacas e apolíneas, aquelas forças da desrazão e da razão, da desmedida e da medida, articuladas pela arte, forças que hoje chamariamos do consciente e do inconsciente? Como é que um Sófocles pode fazer uma tragédia grega a não ser através de duas poderosas forças como a paixão e a própria razão?

Nietzsche e Kierkegaard não chegam a dizer: o homem é um ser irracional. Se defendem o irracionalismo não é no sentido da oposição frontal à racionalidade, é muito mais para mostrar os limites e as antinomias do racionalismo, à medida que despreza as outras facetas, outros aspectos, outras riquezas do próprio homem. O que a racionalidade fez ou está fazendo? Construindo mundos virtuais à luz de cálculos mas ao serem supervalorizados fazem com que o mundo artístico, o mundo dos valores religiosos apareçam muitas vezes como infantis, produto da imaginação desvairada, da sensibilidade enganosa. E o homem vive dividido no cotidiano, de um lado, ser racional, do outro lado, apaixonado.

Se na tragédia grega essas duas dimensões estavam ligadas, bem apresentadas, segundo Nietzsche, desde a valorização do conhecimento



racional com Sócrates e do conhecimento científico a partir da revolução metodológica no século XVII, só tem vez a dimensão científica. Então esta dimensão, no processo do Iluminismo, do Cientificismo, chega firme neste momento da modernidade; e o que era utopia, utopia do progresso, utopia do desenvolvimento, chega à realização.

Que realização? Somente se considerarmos a história como linear, nesse sentido o homem está em evolução e pode chegar através dos recursos científicos a fazer uma sociedade justa, humana. Mas esta utopia da modernidade, no modernismo chega a uma exaltação do futuro, com a ruptura da tradição. O que foi feito não serve, é passado, deve-se deixar de lado todas as formas da antiguidade, todas as formas que foram construídas, todo o trabalho que a humanidade foi aos poucos elaborando. Por que? Porque o homem, com a primeira grande guerra, percebe as contradições entre ciência e felicidade, mas ainda acredita que a ciência e a tecnologia irão possibilitar uma nova organização social.

Nós estamos vivendo agora um novo momento que é esse momento da crise da modernidade. Nesse momento da crise surge a pergunta: o que está acontecendo para que o homem já não acredite tanto em certas verdades, na força da razão? A própria realidade científica foi apresentando limites, o seu outro lado, o acaso, o imponderável, as aberrações. O homem começa a perceber, mediante os trabalhos das Ciências Humanas, a desvinculação entre o comportamento individual e social, e mais, a destruição provocada pelas grandes guerras aponta a inter-relação entre ciência, tecnologia e anomalias: os laboratórios estão criando determinados "objetos", determinadas coisas que as vezes, os cientistas não podem, nem sabem nomear, ultrapassam qualquer controle e ficam à serviço de certos centros de dominação.

Ao mesmo tempo, a crença de que o homem iria ter uma sociedade mais organizada, se choca com as estatísticas indicando o número de miseráveis, de analfabetos. O mundo do ponto de vista global é um mundo aparentemente integrado, mas se acha dividido entre poderosos e não poderosos e cai todo o ideal iluminista da modernidade. Hoje a globalização econômica, científica e tecnológica é um fato mundial, mas

a quem ela beneficia ?Aqueles que são favorecidos pela tecno-ciência e a lei do mercado, que comandam as relações humanas.

A nova ideologia que impulsiona a globalização aponta o homem como um ser sem saída, mostrando que o mundo social está regido pela lei inexorável do mercado, onde os mais fortes vencem os mais fracos, lei da seleção natural de Darwin. Essa ideologia da lei do mercado é tão forte quanto aética, desumana. Não tem compromissos com o bem, não tem compromissos com valores, não tem compromissos com o humano. Não há culpados. Há sobrevivida. Esta lei realmente não pode deixar de fazer a sua seleção, com o apoio da tecno-ciência e consegue se impor no contexto da globalização.

Assim, os mais fortes sobrevivem no mercado, os mais fracos vão ser devorados. É a lei do mercado; naturalmente haverá desemprego, naturalmente essa humanidade morrerá à mingua. Afinal de contas, não cabe a essa ideologia fazer juízos axiológicos, metafísicos, fazer juízos para chegar a conclusão que poderia ser diferente. Não, ela está seguindo a lei; e o que vai acontecer com a humanidade não interessa, seu rumo é inexorável. Naturalmente, os mais fracos vão ser vencidos pelos fortes E as conseqüências? Os grandes países do primeiro mundo, tranquilamente, sem culpa, sem problema, vão devorar os países mais fracos, aqueles que não chegaram à competência científica e tecnológica.

O problema hoje não é mais o conflito entre capital e trabalho, o problema é o conflito entre aqueles que têm a opulência das riquezas e a excelência da tecnologia. Se os mais fracos não têm os recursos otimizados da tecnologia, os mais fracos têm de se submeter àqueles que detêm a força da tecno-ciência, e conseqüentemente, têm os melhores cientistas, pesquisadores, as maiores riquezas, as portentosas tecnologias. O que assistimos hoje é a ligação estreita entre economia, tecnologia e ciência através de uma concepção funcionalista e pragmática da técnica na sua relação com o homem e o mundo.

É a técnica e a tecnologia que devem ficar no banco dos réus ? O que é a técnica? É um simples instrumento de pesquisa hoje? O problema merece uma tentativa de compreensão, porque discutir o seu sentido nos

leva mais que à questão da tecnologia. Ela pode nos levar a entender a diretriz da pesquisa e da vida humana no planeta, embora ela não seja uma coisa nova na face da terra, pois a necessidade de pesquisar e a presença da técnica são persistências na própria história. O homem sempre usou a técnica, primeiro, de uma forma rudimentar, mas sempre como instrumento complementar das suas mãos. Pela técnica o homem tem conseguido desenvolver a própria consciência no sentido que foi estabelecendo uma inter-relação mais estreita e mais distante com a própria natureza.

Então a técnica como instrumento de intervenção na natureza, não é um problema atual, mas podemos pensar com Heidegger no seu texto *A questão da Técnica* os dois sentidos para a técnica. O primeiro é esse sentido instrumental; meio para certos fins, que não expressa a essência da técnica. O segundo, não se limita a ver a técnica na sua causalidade imediata, intervindo no real, mas busca uma causalidade à maneira dos gregos, a técnica como uma forma de produção, que é um modo de desvelamento. Nesta produção, algo surge, irrompe. Neste sentido, *techné*, é uma palavra que expressa exatamente um saber produzir; saber fazer bem alguma coisa, saber do princípio ao fim aquilo que está sendo feito e conseqüentemente produzir uma obra, no caso dos gregos, uma obra perfeita e bem feita.

Nas origens, *techné* era arte no sentido de construção, criação, saber fazer alguma coisa, tendo consciência daquilo que se faz e sabendo o que se quer com aquilo que se faz, tendo consciência do objetivo e a finalidade daquilo que está sendo feito. Quando Heidegger fala na *techné*, ele mostra que o próprio sentido da *techné* nos indica que a técnica em si não é um mal, é uma atividade humana. A técnica é produtiva à medida que consegue arrancar as riquezas da natureza, cria uma coisa nova que não existia e passa a existir, alguma coisa passa a ter existencialidade.

Nesse ângulo a técnica é um modo de desvelamento, um modo do homem procurar a verdade a respeito da realidade, descobrindo as potencialidades da natureza e descobrindo as suas próprias potencialidades. O homem, pela *techné*, se torna eminentemente criativo;

mas impossível o homem ser criativo sem ser crítico porque toda vez que ele vai criar ele vai imaginar, selecionar, ordenar, então ele faz um trabalho de compreensão da realidade e conseqüentemente, chega a uma compreensão da sua relação com o mundo.

Segundo Heidegger, a técnica enquanto arte, no sentido de produzir alguma coisa, ela é poesia. Então a palavra poesia “poiesis” não significa apenas fazer versos, coisas rimadas, poiesis é essa articulação de sentido que possibilita colocar as coisas juntas e unidas com sentido, de tal modo que a poesia é a própria origem da arte. Todo artista é poeta, todo artista tem essa capacidade de interrelacionar coisas diferentes, coisas desconexas, mas o artista não usa só a razão como diz Nietzsche, o artista usa também a paixão, a imaginação, a sensibilidade; na arte podemos perceber todas as potencialidades do homem presentes, todas as riquezas presentes; não há uma linearidade, uma dedução, uma indução, um caminho metodológico, há a interligação de várias potencialidades humanas. A técnica enquanto tecnologia se aproxima da poesia à medida que ela constrói, que ela cria, enquanto é capaz de arrancar da natureza o que está oculto, desvelando e colocando no mundo real, o que não existia.

Heidegger analisando esta questão da técnica, vai mostrar que a técnica também pode ser um modo de ocultamento. Se a técnica pode ser um modo de desvelamento, a técnica pode ser modo de encobrimento ao afastar o homem daquilo que ele é: natureza. Ela pode ser uma maneira do homem escamotear as suas origens, a sua própria mortalidade, a sua própria existencialidade à medida do seu esquecimento.

A relação do homem com a técnica é sempre Arrazoamento (Gestelt) que significa apelo provocante que reúne o homem ao redor da tarefa de converter como fundo aquilo que desvela. O real construído é tomado como fundo pois a técnica faz surgir algo a partir de um fundo que não tem fundo. Por que? Por que ela possibilita uma articulação da natureza onde os objetos desaparecem e remetidos são a um fundo comum. Cria um suporte que reúne e sustenta as partes. Mas não há fundo, há uma aparência de fundo, deste fundo a técnica provoca a natureza. Até quando?

Heidegger levanta a questão: como nos engajamos no domínio onde o Arrazoamento tem seu ser? Ai está o perigo pois o não escondido não é mais um objeto para o homem mas ele o concerne como fundo. Não há mais mistério? O homem vai até o seu limite extremo, onde o que aparece, não pode ser tomado a não ser como fundo. E o homem não encontra o seu ser em nenhuma parte.

Na técnica, portanto, tudo está cometido à sua própria posição e estabilidade, tudo está reunido, desvendado, nesse cometimento, aquilo que a técnica vai produzindo, vai se manifestando como a própria realidade. Então a realidade passa a ser essa aparência, ou passa a ser essa imagem, ou esse fundo comum, e o homem passa a acreditar que a realidade que ele vive é essa realidade da imagem, onde a natureza cada vez mais é escondida ou está mais escondida, mais afastada, mais ignorada, onde o homem pode perfeitamente destruir e se destruir.

No processo da globalização econômica em parceria com a tecnologia, o que importa, por exemplo, é criar uma indústria, criar novas áreas de plantio mesmo que tenha de acabar com a fauna ou a flora do Amazonas ou do Pantanal, o que importa é arrancar a energia da natureza, transformar, acumular, repartir, permutar, afinal de contas, o lucro. O homem pode provocar incêndios, destruir todas as riquezas da terra porque o que interessa é o dinheiro que ele vai ganhar, o que interessa é que ele está beneficiando meia dúzia de pessoas.

Em nome desse Arrazoamento, o que está sendo esquecido é aquilo que o homem é. O que o homem é? Heidegger fala que o homem é aquele que existe no mundo. A sua existência não é a existência da interioridade, a sua existência é a existência da inter-relação com o mundo. O homem é o ser no mundo, o mundo é a sua casa, o mundo é a sua habitação, o mundo é a sua construção, por isso ele afirma tão categoricamente, "o homem habita em poesia," o homem habita naquilo que ele nomeia, naquilo que ele constrói, naquilo que ele cria, naquilo que ele faz e guarda pela linguagem.

Essa expressão de Heidegger a partir de um verso de Hölderlin mostra o que nós estamos percebendo: a realidade às avessas. Será que o

homem está habitando em poesia? Como nós vamos sair desse caminho? Heidegger tem sido considerado o precursor do pós-moderno porque vai desconstruir a metafísica clássica, a metafísica das verdades absolutas, ele vai criticar a metafísica que falava de um sujeito racional, de ciência universal e apresenta uma nova interpretação de mundo, de metafísica, de sujeito, de realidade.

Esse momento da crise da modernidade, chamada de pós-modernidade não é um momento que eu diria só Heideggeriano, é um momento que se caracteriza por muitos caminhos, por múltiplas saídas, mas que se encontram num dado que se percebe significativo: a necessidade de se estabelecer a relação entre ciência, técnica, arte e metafísica.

Se nós fizermos uma ciência pela ciência tendo por única preocupação caminhos metodológicos, vias lógicas, modos de alcançar o real sem critérios ontológicos, há o perigo de não se perceber: “que realidade é essa?”, “que sujeito é esse?”, “qual é a formação desse pesquisador?”. Eu creio que no momento, mais do que nunca, o que se coloca: qual é a formação do pesquisador; ele deve desde a graduação somente ser formado à luz de matéria específica, à luz de uma metodologia científica, específica, sem nem chegar à epistemologia daquela área do saber?

Será que as faculdades onde os futuros pesquisadores estão estudando ciências, têm preocupações com o estudo da epistemologia e dos seus fundamentos ontológicos, a fim de interpretar e compreender os pressupostos dos métodos de suas ciências? Os estudantes estão desenvolvendo o seu lado criativo, imaginativo, poético? E o pesquisador está desenvolvendo sua consciência filosófica? Bachelard falou: “Tarde descobri a poesia”. Bachelard passou a vida inteira trabalhando em ciências, mas um dia ele percebeu que os poetas falavam da realidade imagística, que era a realidade onde ele vivia e trabalhava, vista de um modo abrangente e com sentido, realidade ignorada pela ciência.

A minha contribuição portanto está em enfatizar a necessidade de formar de modo global o pesquisador hoje. Isto significa, ser formado à luz de outras instâncias sem ser a sua ciência específica. Assim, que ele possa

desenvolver a sua criatividade pela arte e possa encontrar a razão de ser do seu trabalho numa metafísica, ontologia mais precisamente. O fato da metafísica clássica ter morrido, com suas verdades absolutas, isso não significa que a ontologia morreu, significa que é preciso procurar caminhos para descobrir a ontologia que dá os pressupostos à epistemologia e conseqüentemente ao seu trabalho de pesquisa.

Cada epistemologia, na sua raiz, segue uma determinada orientação metafísica. Ou você acredita realmente que a matéria é eterna, ou você acredita que a matéria é criada, ou acredita que a matéria está em evolução, ou acredita que a matéria não tem explicação. Assim você está tomando uma posição metafísica, ou atitude cética, ou idealista, ou realista, ou pragmática. Queira ou não queira pensar, todo cientista mesmo que ele não saiba, mesmo que ele não deseje, ele toma uma atitude ontológica, que revela seu modo de interpretar a realidade e conduzir a sua investigação.

Não somente o pesquisador como o professor têm de ter "consciência da sua ciência". É verdade que um professor de biologia não vai a sala de aula fazer um discurso sobre o que é a origem da vida ou sobre o que é a vida etc. mas ele embora esteja explicando dados ligados à vida, ele como pessoa humana, tem de ter consciência do que considera o que é a vida e mais, ele tem de ter consciência dos seus limites.

Sabemos que cada vez mais as universidades estão formando comunidades científicas, porque sabem que um pesquisador não pode trabalhar sozinho, ele tem de trabalhar com outros colaboradores e se abrir mais para a compreensão do real complexo. Mas ela precisa dar meios para que o pesquisador possa enxergar o objeto da sua pesquisa de modo global, científico, econômico, tecnológico, artístico e filosófico. Então a saída é o caminho interdisciplinar, perspectiva que pode ajudar não só a formação do cientista como a troca de trabalhos dos pesquisadores entre si. Esta é a minha proposta.

## DEBATE

**Professor Francisco Borba Ribeiro Neto**  
**Instituto de Ciências Biológicas**

Eu achei muito bonito o final, particularmente, da apresentação. A dúvida que tenho se refere, em primeiro lugar, ao problema da nossa relação, algumas vezes, com nossos alunos. Em primeiro lugar me parece que já somos de certa forma uma geração perdida. Falo da minha geração, professores que tive. Creio que Mannheim diz que só existe uma forma de vencer a ideologia: se reconhecer ideológico. Parto do princípio que se eu achar que eu estou salvo, sou o primeiro perdido. Eu me lembro de alguns professores que tive, não foram muitos, que me impressionaram de um lado por sua humanidade e do outro porque quase todos tinham uma abertura para a arte muito grande; me lembro de uma colocação que ouvi de um professor mais velho que queria que todos os alunos dele assistissem concertos e orquestras sinfônicas porque se não eles fariam feio num congresso internacional, onde todo mundo no final ia ouvir música. Como é que o aluno dele ia fazer se não soubesse entender música clássica? Parece um pouco ridículo falar que para um aluno não fazer feio num encontro tem que entender de música clássica, por isso eu estou dizendo da nossa geração. E de fato o exemplo que um aluno, hoje, encontra em sala de aula entre a média de seus professores, não é só na PUC, na USP ou na Unicamp, mas em qualquer Universidade, não é um encontro com personalidades que chamam a atenção pela sua amplitude de postura, pelo seu interesse pelo mundo ou pelo humano; nós todos somos um pouco burocráticos em nossas atribuições.

O que me impressiona nessa situação é o esquecimento que a gente encontra nos nossos alunos; vou dar só dois exemplos rápidos: um é a questão da informática, metade dos jovens são micreiros, mas ao mesmo tempo que são todos fascinados pelo microcomputador, todos adoram assistir filmes futuristas que mostram uma sociedade onde o homem foi destruído pelo computador. Em uma hora do dia ele se fascina com o



computador, na hora que ele se aproxima de uma manifestação mais artística ele também se fascina pelo fato do computador ser a morte do homem, não é só uma esquizofrenia mas é também um esquecimento esquizofrênico de duas experiências.

A partir disso, o que eu queria entender um pouco é como você pensa em nossa relação com os alunos, diante desta profunda realidade de esquecimento.

**Resposta:** Bem, você deu um depoimento a respeito do que significa esse mundo novo que nós estamos inaugurando. Eu acho que esta relação professor-aluno principalmente, como você falou, ligado a essas experiências que de um lado são científicas, do outro lado são artísticas, pode de fato indicar a esquizofrenia. Pois de um lado a pessoa se entusiasma com a coisa e de outro lado ela vive em oposição, o que indica a falta de uma consciência reflexiva. Eu não veria mudança, a não ser através de uma reforma a longo prazo. Se não começar agora, isso nunca vai acontecer, porque é o que eu falava a pouco, há uma exigência de uma revolução ontológica.

É toda uma revolução no modo do homem estar no mundo, eu acho que esta revolução ontológica não vai se fazer de uma hora para outra, primeiro vamos chegar a essa construção do técnico-cosmos. Tudo vai depender do encaminhamento deste novo mundo, sair de imediato, eu não vejo como. Haveria necessidade de uma vontade política, de levar a sério a educação, de fazer com que os currículos fossem diferentes. Não é possível com o tipo de currículo que nós temos que já começa no primário, passa para o segundo grau, formar o homem para se compreender no mundo. Qual é a posição dos planejadores da educação face a arte? Recreação, divertimento, o que a mídia passa? Cinema é apenas divertimento? Que eu saiba cinema começou como arte, técnica e virou uma péssima diversão.

Eu acho que com o currículo que nós temos, que exalta uma lógica em si, o aluno estuda muitas vezes só regras, cálculos, tudo desvinculado;

não se prepara nem para o trabalho, nem para a vida, nem para a sociedade, nem para o mundo novo.

Essa revolução educacional deverá ser no sentido de que a informática tenha vez, sim; o problema é que ela está entrando de mansinho e as pessoas estão achando que ela é uma coisa a parte. Currículo programático e a informática, a microeletrônica estão do lado. Todos esse novos meios, não estão integrados à própria realidade humana, o processo parece muito lento exigindo mudanças radicais. O professor teria de ser o debatedor, teria de ser o orientador, aquele que troca, ele teria de fazer experiências de debate, experiências de conversas, experiências a partir da experiência concreta. Ainda muita coisa é dada na base do giz, na base do lápis, a avaliação ainda é feita de uma maneira muito medieval. Então nós já estamos numa contradição bárbara, porque nosso modo de dar aula muitas vezes é medieval e nossos alunos já convivem com a tecnologia e partem para a ficção científica, desvinculada do estudo. Portanto, juntar a pós-modernidade com um período medieval é um problema difícil, exige mudanças radicais.

Eu vejo um modo das universidades mudarem seu ritmo de trabalho: levar a sério a interdisciplinaridade. Este modo de trabalho interdisciplinar, dá margem para o aluno perceber o sentido global do tema, mediante um procedimento de construção, de criação que envolve vários enfoques. Essa dinâmica da criação até aparece quando um professor não dá uma aula repetitiva, dá uma aula nova, quando através de múltiplas relações, descobre alguma coisa e comunica para os alunos. Uma segunda sugestão que se pode fazer, o aluno nos cursos de ciências podem chegar a visão global do tema mediante um debate interdisciplinar que exige um encontro entre as disciplinas.

Reafirmo que a vontade política de mudar o ensino na sua totalidade é um problema a longo prazo, mas também podemos lembrar o que dizia Teilhard de Chardin: o homem está na pré-história. Então não estamos no fim da história, neste momento da globalização, nós ainda estamos criando condições para habitar esse planeta, nós ainda não

sabemos habitá-lo poeticamente. Se ele não for destruído, acho que nós vamos habitá-lo de uma maneira diferente.

**Professor Wilson Ribeiro dos Santos Júnior**  
**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

Achei bastante interessante o início da sua palestra por ter participado recentemente de alguns eventos que discutiram as perspectivas para o centro das grandes cidades, futuras megacidades, no século XXI, onde o tema da globalização comparecem como um dado definido. Na verdade, acredito que precisamos começar a discuti-lo inclusive como categoria de análise, enquanto um conceito para poder abordá-lo dentro da própria universidade no universo da pesquisa e do ensino.

Gostaria de colocar dois exemplos para depois formular uma pergunta. Ao conhecer um pouco do antigo império chinês, no seu apogeu, fiquei impressionado com o método de escolha dos governadores provinciais; o imperador fazia anualmente uma prova com todos os governadores, prova esta que consistia em um ditado feito por ele após o qual os governadores desenvolviam um poema. O critério para a escolha do governador eram a melhor caligrafia, fabulosa na cultura oriental e a melhor construção do poema. Não importava se o governador conhecia a língua da província ou o universo do local para onde ele iria governar. Portanto, naquele momento a poesia e a cultura serviam como um elemento de controle, como forma talvez mais sofisticada de transmissão e centralização do poder, participando também como um elemento integrador. Esse é um dado.

O outro que me parece importante é reconhecer que estamos num processo muito acentuado de comunicação e integração internacional com direções culturais predominantes. Porém vemos que quanto mais globalizado se nos este universo, mais claramente enxergamos os princípios para a fragmentação.

No caso das cidades, onde se discute a política específica para as cidades européias, para o Mercosul no oriente, vem emergindo a idéia de uma “rede” de cidades. Neste novo conceito de cidade, ela aparece como um instituto independente da divisão de classes, superior ao conceito de estado.

O estado nacional vem perdendo importância perante a noção de “globalidade” presente nas grandes cidades e a emergência de forma de associação entre elas baseadas em cultura integrativa e fragmentação. Hoje a disputa pela visibilidade internacional entre cidades como Sevilha, Atlanta, mesmo a proposta do movimento Viva Rio, experiência mais significativa de Barcelona com os jogos olímpicos permite-os identificar como questões de caráter mais local, específica para competir num universo mais globalizado.

Como é que poderíamos enxergar hoje dentro da pesquisa um paralelo com este processo?

Por um lado nós temos hoje um acesso virtual à pesquisa e ao conhecimento, isto é desde que os interruptores elétricos funcionem. Temos um acesso teórico, espero que em breve seja real, a todos os centros de pesquisa, aos centros de documentação, principais bibliotecas do mundo etc. Então acredito haver hoje uma globalização deste procedimento e a pergunta que se coloca no meu entender, é o que fazer com isso. Na crise da pós modernidade qual o objeto, talvez fundamental, para a educação. Como é que ficam a fragmentação e a integração na área do conhecimento e da pesquisa?

**Resposta:** De fato, você reforçou todas as idéias que foram colocadas tentando ver como interligar esse momento de totalização e de fragmentação. Eu acho que só poderia ser mesmo através de uma consciência do que significa essa cultura tecno-científica, que cultura é essa? A cultura passou a ser apenas essa realidade aparentemente unificada, mas na realidade ela é cheia de fendas, cheia de ruínas, cheia de fragmentos. Por que se está permitindo esta fragmentação e essa ruína? Nada disso está acontecendo aleatoriamente; eu acho que há por detrás

uma vontade de fazer com que a lei do mercado seja forte e necessária, portanto é bem vinda toda esta fragmentação social; que os sindicatos não tenham força; que as organizações de bairro não tenham força; que as associações docentes não tenham força; porque quanto mais fragmentado, mais possibilidades existem de equilíbrio daquelas outras forças. A fase que nós estamos vivendo do capitalismo é uma fase que necessita dessa fragmentação para ter força, dominar e exercer o controle, porque se os sindicatos são fortes, se as associações são fortes, conseqüentemente, aparece o outro lado que não interessa. Pode aparecer o lado mais humanístico, o lado mais artístico, o lado que atrapalha o próprio projeto do neoliberalismo.

Eu li outro dia um artigo que dizia que o desemprego não é aleatório, está sendo desejado e querido; por isso se lê todo dia nos jornais “20 mil foram demitidos”; mas isso é um fato necessário dentro da lógica do capitalismo atual. Primeiro, por causa do desenvolvimento tecnológico de certas indústrias, segundo porque quebra os sindicatos, e mais, se tem um exército de reserva muito grande. Então quanto mais este exército de reserva aparecer mais há possibilidades de se controlar a vida financeira e de se dominar a situação e se manter a economia de um lado, a ciência do outro, a tecnologia do outro. Onde houver essa divisão, essa fragmentação, conseqüentemente não vai haver real integração. E é possível a tecnocracia passar uma integração fictícia, fantasmagórica. O que significa, não há integração, propositalmente, há uma aparência de integração, uma aparência de globalização.

Uma aparência que impulsiona o primeiro mundo, atrai outros povos e outras civilizações que aspiram parecer com esse mundo ideal do Ocidente, por que essa repetição? por que esse mesmo modelo? por que essa unilateralidade? Exatamente porque eles se sentem inferiores, porque não tem a tecnologia. Mas quem manuseia, controla a tecnologia, é um discurso, muitas vezes anônimo, ninguém tem responsabilidade; nós estamos vivendo numa época onde não há responsabilidade, nem culpa. Há uma inconsciência. Ingênua ou proposital? Quantos cientistas não podem saber ou dizer se determinados vírus provocaram tais epidemias porque eles não sabem as conseqüências do que estão fazendo? Eles ficam

no seu trabalho, e não sabem como politicamente aplicaram e organizaram suas pesquisas. Não sabem ou não querem saber, ou não tem formação para isso. Mas a tecnocracia sabe se aproveitar desta inconsciência.

Então eu acho que é um problema desejado e querido no momento; agora como mudar isso é que eu vejo só mesmo em termos de um outro tipo de ensino, um ensino mais consciente, mais refletido. Dizia Heidegger : é preciso fazer coexistir o pensar calculante com o pensar meditante, se só existe o pensar calculante, tudo é transformado em estatística, em números. O que se passa por de trás, é encoberto. Então eu acho que é preciso haver o pensar meditante, esse pensar que leva a universidade até um segundo olhar sobre o que está projetando, o que está fazendo, sobre o que está querendo, quais os seus objetivos de pesquisa e de formação do pesquisador Hoje há uma responsabilidade muito grande do pesquisador, muito maior do que ele pensa; será ingenuidade dele, a chamada neutralidade ? Que nome dar? Há uma cegueira que faz com que o material que poderia ser trabalhado para fazer desta terra uma terra habitável esteja colocando esta terra em perigo, destruição deste mundo pelos meios que o homem criou.

### **Professora Doraci Alves Lopes Instituto de Ciências Humanas**

Na verdade, desejo acrescentar apenas alguns pontos para problematizar essa questão da globalização, porque gostei muito da palestra.

Eu começaria pela questão do ensino. Tenho lido algumas análises sobre a mudança de representação do tempo da sociedade moderna e me parece que afeta diretamente o ensino, a educação, porque a representação do tempo para as nossas gerações anos, era o seguinte: nós estudávamos

muito o passado para mudar o futuro e o problema do tempo para as novas gerações não é bem esse.

A atual representação do tempo valoriza o presente. O que fazemos com esse aluno que só pensa no presente e não se identifica com o passado? Porque nós tínhamos um futuro no contexto da guerra fria, ou à direita ou à esquerda. As novas gerações não tem mais nenhuma resposta pronta sobre a sociedade do futuro. A crise da modernidade aponta para uma série de interrogações a respeito de como será esse futuro. As atuais concepções de história não dão mais respostas e não devem mais dar respostas no sentido de determinar o futuro da sociedade.

Então, me preocupa as análises muito pessimistas em relação à globalização, desterritorialização do indivíduo, muito embora a concepção de nação esteja sendo contestada na direção de uma concepção de indivíduo no mundo. As novas gerações da Internet e da TV a cabo, e mesmo da TV e rádio comuns, estão em contato, todos os dias, com todas as partes do mundo. Ele é um sujeito do mundo, além de um sujeito da nação, cultural universal e o particular coexistem. Mas, como é que a gente entende nossos alunos neste presente? Como a Professora Leda bem colocou, nós temos que restabelecer uma cultura de ruptura. Nossa geração viveu uma outra ruptura, aquela em que nos disseram que tudo da sociedade moderna era melhor do que a humanidade já havia produzido antes e este saber antigo tinha de ser permanentemente desmistificado.

Aos poucos, descobrimos que a ciência é um grande mito, tanto quanto a idade média viveu o seu, na fé e na religiosidade. Se concordarmos com a proposta feita pela Professora Leda, de trabalhar a interdisciplinaridade, poderemos questionar melhor o desmedido racionalismo científico e a representação de tempo em que ele implica, de diferentes perspectivas acadêmicas. Temos que voltar a articular o aluno com a cultura de ruptura, questionando os dogmas do cientificismo e relativizando este antes e depois da modernidade, em termos das relações humanas e sociais, deixada de lado em nome do progresso sócio-econômico. Mas, nós temos partido do presente dos alunos, das questões que eles estão trazendo. Eles tem tantas perguntas e afirmações a fazer,

será esquizofrenia? Não sei. Sobre o ensino, me parece que este é um grande problema. Como a representação de tempo destas novas gerações acontecem, uma vez que não é mais exatamente que vivemos como estudantes em nossa época? Nós valorizamos o presente ou ele continua mera transição para o futuro?

Mas, eu queria lembrar que tem havido muitas discussões e debates sobre esta questão da globalização também do ponto de vista positivo, do ponto de vista de novas possibilidades de atuação para a esquerda. Há globalização, por exemplo, nas organizações não governamentais (ONGs). Muitos sindicatos e associações de classe correm o risco de implodirem, porque o capital modifica e está modificando completamente o emprego, desestruturando tradicionais postos de trabalho. Portanto, a identidade profissional e política dos trabalhadores está sendo atingida muito rapidamente. Mas, destaco que, principalmente depois dos anos 70, temos um conjunto intenso dos chamados novos movimentos sociais, a nível internacional inclusive, que problematizam a clássica questão da luta das classes. Me pergunto se esta também não é uma questão relevante para o ensino. Afinal, temos assistido a uma volta de discursos neofascistas entre os jovens, que oferece certezas absolutas para o futuro, através de um Estado e sociedades totalitárias, que eliminaria a angústia da atual crise da modernidade. Uma das coisas fundamentais para a educação, em tempos de globalização, seria enfrentar um perigo muito grande, das novas leituras do fascismo, já presente na Internet. O caminho clássico da luta de classes, por outro lado, parece não oferecer mais aos jovens perspectivas da realização, ao prometer um modelo de sociedade futura que torna o presente pouco significativo, sem falar que testemunham graves intolerâncias políticas e culturais nos países socialistas.

Daí porque enfatizo o respeito às diferenças culturais e políticas, expressos nos movimentos sociais, sejam de mulheres, ecologistas, negros, homossexuais, etc. Se estamos vivendo uma crise de paradigmas da sociedade moderna, por outra parte, vivemos uma diversidade de novas sociabilidades em processo de globalização de mercado. Particularmente não uso o conceito de “pós-modernismo” parece significar o fim da sociedade moderna, prefiro chamar de sociedade contemporânea. Estamos



vivendo uma crise de valores modernos em meio à sociedade contemporânea.

Quanto aos aspectos de mega-cidade, de globalização é preciso lembrar que a discussão de interesses de comunidades, de grupos locais nas grandes cidades, é o de enfatizar a experiência, a participação direta do sujeito na cidade, questão também muito bem colocada pela Professora Leda. Ou a gente começa a valorizar e refletir o nosso cotidiano, a nossa experiência com a ciência, o nosso sujeito aluno ou nós não vamos contribuir para questionar os problemas da globalização. E esta é uma questão multidisciplinar. O que tem predominado, infelizmente, são enfoques economicistas, que eliminam outros olhares, como aqueles que apontam para a diversidade de contradições que este processo avassalador tem provocado e a serem exploradas, dado o caráter de suas ambigüidades e indefinições.

**Resposta:** Muito bem feita a complementação, só que eu não falei pós-modernismo, eu falei pós-modernidade porque eu também não acredito em pós-modernismo. Eu acho que não há um movimento que está surgindo para se contrapor ao modernismo, eu chamo esse momento contemporâneo de pós-moderno, porque não podemos mais chamar de moderno já que não há mais uma perspectiva de futuro, as utopias estão caindo. É verdade que no ensino o aluno não mais acredita em tirar proveito das leituras do passado, ele está vivendo este instante, não acredita no futuro. Quais as perspectivas do mercado de trabalho numa época de desemprego? É verdade também que o aluno não acredita na verdade da ciência, pois ele vai descobrindo, a cada dia, como ela é um mito, como ela é uma ideologia.

**OBS:** Por problemas técnicos outras intervenções e respostas da Profa. Leda não foram gravadas.

**Professor Pe. José Benedito de Almeida David**  
**Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos**

Nós gostaríamos, encerrando este momento do nosso Encontro de Pesquisadores, agradecer a Professora Leda Miranda Hühne, que nos trouxe essa contribuição e explicitou alguns desafios, que já estamos detectando na Universidade de uns tempos para cá.

Justamente quando a gente estava preparando este encontro e discutindo as temáticas que seriam abordadas, estes desafios estavam colocados e acredito que a Professora Leda nos ajudou a avançar nesta discussão, no que se refere à necessidade de integração entre as áreas do saber, à necessidade de superação da fragmentação, tendo contribuído com suas idéias não só para nossa vida interna da Universidade, mas apontou saídas para estes problemas que são nossos, mas também são mais amplos, de toda a sociedade.

Gostaria de estar dando também uma palavra de agradecimento a professora Dulce Maria Pompêo de Camargo, Coordenadora da CEAP, em nome da Reitoria, uma palavra de incentivo a todo esse esforço que vem dando continuidade aos trabalhos da CEAP e procurando trazer realmente uma discussão que nos ajude a avançar cada vez mais. Muito obrigado.